

**TERRITÓRIO, SOCIEDADE E CAPITALISMO NO BRASIL CONTEMPORÂNEO:
ENTREVISTA COM AILTON KRENAK**

***TERRITORIO, SOCIEDAD Y CAPITALISMO EN EL BRASIL CONTEMPORÁNEO:
ENTREVISTA CON AILTON KRENAK***

***TERRITORY, SOCIETY AND CAPITALISM IN CONTEMPORARY BRAZIL:
INTERVIEW WITH AILTON KRENAK***



Diogo Labiak NEVES¹
e-mail: diogo.neves@ifpr.edu.br

Como referenciar este artigo:

NEVES, Diogo Labiak. Território, sociedade e capitalismo no Brasil contemporâneo: entrevista com Ailton Krenak. **Revista Geografia em AtoS**, Presidente Prudente, v. 09, n. 00, e025015. e-ISSN: 1984-1647. DOI: 10.35416/2025.10647



| Submetido em: 14/09/2024
| Revisões requeridas em: 27/03/2025
| Aprovado em: 15/10/2025
| Publicado em: 17/12/2025

Editores: Prof. Dr. Nécio Turra Neto
Profa. Me. Karina Malachias Domingos dos Santos

¹ Instituto Federal do Paraná (IFPR), Curitiba – Paraná (PR) – Brasil. Professor de Geografia no Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Paraná.

RESUMO: Este trabalho apresenta uma entrevista com Ailton Krenak, realizada no dia 14 de abril de 2022. Ailton Krenak é um dos mais importantes líderes indígenas brasileiros e possui destacada relevância histórica na luta pelos direitos dos povos indígenas. Além de ambientalista, grande intérprete do Brasil, possui vários livros publicados ao longo de décadas de produção intelectual. Foi fundador da União dos Povos Indígenas e participante da Aliança dos Povos da Floresta. Possui o título de doutor honoris causa pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e, recentemente, eleito membro da Academia Brasileira de Letras (ABL).

PALAVRAS-CHAVE: Povos indígenas. Uberização. Educação emancipadora. Território. Sociedade.

RESUMEN: Este artículo presenta una entrevista con Ailton Krenak, que tuvo lugar el 14 de abril de 2022. Ailton Krenak es uno de los líderes indígenas más importantes de Brasil y tiene una destacada importancia histórica en la lucha por los derechos de los pueblos indígenas. Además de ecologista y gran intérprete de Brasil, ha publicado varios libros a lo largo de décadas de producción intelectual. Fue fundador de la Unión de los Pueblos Indígenas y miembro de la Alianza de los Pueblos de los Bosques. Es Doctor Honoris Causa por la Universidad Federal de Juiz de Fora (UFJF) y recientemente ha sido elegido miembro de la Academia Brasileña de Letras (ABL).

PALABRAS CLAVE: Pueblos indígenas. Uberización. Educación emancipadora. Territorio. Sociedad.

ABSTRACT: This article presents an interview with Ailton Krenak, which took place on April 14, 2022. Ailton Krenak is one of Brazil's most important indigenous leaders and is of outstanding historical importance in the struggle for the rights of indigenous peoples. As well as being an environmentalist and a great interpreter of Brazil, he has published several books over decades of intellectual production. He was the founder of the Union of Indigenous Peoples and a member of the Alliance of Forest Peoples. He holds an honorary doctorate from the Federal University of Juiz de Fora (UFJF) and was recently elected a member of the Brazilian Academy of Letters (ABL).

KEYWORDS: Indigenous peoples. Uberization. Emancipatory education. Territory. Society.

Notas iniciais

A entrevista que aqui apresentada foi realizada de maneira virtual no dia 14 de abril de 2022. A atividade foi organizada pelo Sindicato dos Trabalhadores da Educação Básica Técnica e Tecnológica do Estado do Paraná (Sindiedutec) enquanto uma das atividades denominadas de “Quinta Sindical”. Como o nome indica, as “Quintas Sindicais” eram atividades organizadas pelo Sindiedutec que ocorriam periodicamente às quintas feiras, sempre com temáticas vinculadas ao universo do mundo do trabalho e/ou com temas correlatos e de interesse dos associados a este sindicato. Tal organização se mostrou fundamental para o desenvolvimento desta entrevista, da mesma forma como para a autorização da sua transcrição e publicação nesta revista, de modo que agradecemos à direção deste sindicato.

Ainda que já estivéssemos no final de contexto pandêmico, as mediações sociais predominantemente se davam pela via virtual. Dado o grande volume de reuniões, palestras e atividades virtuais que fomos desenvolvendo ao longo do período pandêmico, adquiriu-se o manejo necessário para que interações virtuais se tornassem mais fáceis e corriqueiras. Favorecendo-se desta condição, a entrevista foi construída com o intermédio de equipamentos e dispositivos eletrônicos, o que lhe dá uma dinâmica um pouco distinta em relação a outras entrevistas convencionais. Além disso, dado o tom menos burocrático, a entrevista adquire uma linguagem mais cotidiana e corriqueira, algo que pode ser percebido na fala do entrevistador e do entrevistado em alguns momentos do texto. Cabe ainda a ressalva de que a entrevista foi executada em plataforma digital e transmitida ao vivo via *YouTube*², com a possibilidade de participação dos espectadores e envio, em tempo real, de comentários e perguntas. Durante o encontro, procurou-se dar preferência para a fala do entrevistado e, na medida do possível, para a interlocução de perguntas das pessoas que acompanhavam em tempo real.

Uma particularidade interessante que merece destaque foi a coincidência temporal com o Acampamento Terra Livre de 2022, tido como o maior acampamento indígena. Segundo estimativas, naquele momento, reuniram-se mais de 7 mil indígenas de 200 etnias na capital federal para debater as demandas e necessidades dos diferentes povos.

Espera-se que com este preâmbulo o leitor adentre ao caldo cultural, político e situacional que norteia a entrevista. Por fim, cabe ressaltar que a entrevista se inicia com a reprodução visual de um trecho da intervenção realizada pelo entrevistado na constituinte de 1988, marco de suma importância para a visibilidade dos povos indígenas deste país, seguido

² A gravação original da entrevista pode ser conferida no canal do Sindiedutec no *Youtube*, recomendamos a visualização: <https://www.youtube.com/live/qbpNiXgPDU?si=XonIV2EGwoXvDb9O>

do diálogo e das perguntas que estão aqui transcritas. Por questões de dinamismo na transcrição optou-se por ir diretamente à entrevista. Buscou-se, ainda, manter o tom informal da oralidade na transposição da fala da entrevista para a linguagem escrita.

Nascido no ano de 1953, às margens do Rio Doce, no estado de Minas Gerais, Ailton Krenak se destaca pela história de vida marcada pela militância em defesa dos direitos dos povos indígenas. Com passagem marcante pela constituinte de 1988, participou da fundação da União dos Povos Indígenas e Aliança dos Povos da Floresta.

Como escritor e intelectual, suas obras mais conhecidas estão: *O Lugar Onde a Terra Descansa* (2000), *Ideias para Adiar o Fim do Mundo* (2019), *O Amanhã Não Está à Venda* (2020), *A Vida Não É Útil* (2020), *Futuro Ancestral* (2022) e *Um Rio, Um Pássaro* (2023).

Em 2016 foi reconhecido como Doutor Honoris Causa pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), em 2022 a Universidade de Brasília (UnB) igualmente reconhece a condição e no ano de 2025 foi a vez da Universidade Federal da Bahia (UFBA) lhe entregar o título de Doutor Honoris Causa. No ano de 2023, torna-se o primeiro indígena brasileiro a ocupar uma cadeira na Academia Brasileira de Letras (ABL).

Diogo Labiak Neves: Faz tempo, hein, Krenak³?

Ailton Krenak: Obrigado, professor Diogo, eu estava olhando aqui e pensando, faz muito tempo.

Diogo Labiak Neves: Você lembra quantos anos você tinha nessa época?

Ailton Krenak - 33 para 34 anos, eu ia completar 34.

Diogo Labiak Neves: Que legal...

Ailton Krenak: E esse ano eu completo 69, então, eu estava na metade do caminho.

Diogo Labiak Neves: Estava lá na metade.

Ailton Krenak: É 34 para 38, metade do caminho. E é interessante olhar essa metade do caminho, e quero agradecer às professoras Rosângela e à Letícia, que já me acolheram aqui nessa plataforma para a gente conversar e, cumprimentando a todos vocês, dizer que esses 34 anos, eles significaram um grande aprendizado sobre nós, brasileiros em geral, e sobre o povo indígena, sobre essa carregada história do povo indígena em um continente que ainda nega a sua presença.

³ A entrevista inicia com breve visualização dos primeiros minutos do histórico discurso de Ailton Krenak durante a constituinte de 1988. As perguntas e o diálogo que está transcrito neste texto se iniciam ao fim deste excerto.

É sobre isso que nós vamos falar hoje, né?

Diogo Labiak Neves: Exatamente, Ailton a gente te chamou para conversar, esse é um momento de formação que a gente faz no sindicato sempre, e dada a emergência do diálogo indígena, do diálogo franco sobre as necessidades dos povos indígenas, a gente teve a ideia de te chamar para essa conversa. E ficamos muito felizes quando você aceitou esse convite.

Para o tema da nossa conversa de hoje, inicialmente a gente tinha pensado o tema da escola enquanto um espaço coletivo de construção social. Nós aqui, trabalhadores do Instituto Federal do Paraná, pensamos a nossa escola, gostamos de pensar pelo menos, como um lugar que faz a diferença na vida da população, das sociedades, dos lugares onde elas estão instaladas, onde os prédios físicos, os campi estão instalados.

A gente tem campus no Instituto Federal que vai do norte ao sul desse país. A gente tem campi de Instituto Federal que estão alocados dentro de assentamento rural do MST, nas margens de terra indígena, campi que estão dialogando com a comunidade quilombola, a gente sabe que essa não é a realidade de todos os nossos prédios, de todos os nossos campi, mas dos 660, 670 campi que nós temos no Brasil, a gente já tem uma grande diversidade. É claro que isso não basta, você está dentro de um assentamento rural do MST, como é o campus de Abelardo Luz, lá no Instituto Federal catarinense, não basta. A gente tem que pautar uma pedagogia, uma ideia emancipadora, e a gente sabe que isso não é realidade.

Claro que é um convite meio árduo, meio espinhoso até meio chato a gente pensar, porque, como tu bem disseste antes, a escola, como a gente pensa, ela é uma instituição branca, ela é uma instituição do branco, ela é uma instituição que tem as suas limitações. Então, o nosso convite hoje era para a gente dialogar um pouquinho diante disso, de como tu enxergas essa delimitação das escolas, qual a participação, qual o processo da inserção dessas escolas na construção da sociedade, e repensar um pouquinho o projeto do que a gente pode ter de futuro aí.

Claro, fica à vontade.

Nesse momento, a gente tem 7 mil parentes acampados em Brasília, fazendo o maior acampamento que a gente já teve em Brasília, o que é um marco muito significativo.

E tu tens muito bem ciência de que se hoje a gente discute direitos dos povos indígenas no Brasil, e muito tem a ver com a sua participação na construção histórica desse processo, dessa luta, claro que não sozinho, tivemos outras lideranças indígenas importantes também no processo da constituinte, mas aí é contigo, tá bom?

Fica à vontade, todo mundo está aqui para aprender contigo.

Ailton Krenak: Muito bom, obrigado, professor Diogo, de ter me introduzido aqui para os nossos colegas, que a gente tenha a expectativa de que, inclusive, para além dos professores, a gente tenha também uma parte dos nossos colegas que estão na sua formação. Para além dos educadores, esperamos que tenhamos também alguns dos nossos alunos que possam ter se interessado por esse encontro, para a gente falar um pouco sobre a luta política no campo da educação também, assim como no campo da emancipação.

Viva a presença indígena na cena do nosso país! Apesar de toda a negação dessa presença, apesar de toda a insistente ação do Estado em tornar invisível esses corpos e essas vidas, vidas indígenas, que agora em Brasília repetem a frase de que “nem uma gota de sangue indígena a mais”. Quando, na verdade, nós estamos confrontando um dos piores momentos da história do nosso país, da política do Estado brasileiro, em relação aos povos indígenas. Porque se nós vivemos uma história de negação ao longo dos séculos, uma história colonial profunda, na democracia, na vida política em regime de democracia, seria um escândalo você ter um mandatário, um chefe de governo⁴, incitando a violência contra a sua população, especialmente contra a população desarmada que é os povos nativos do nosso país, o povo indígena.

Nós temos uma presença expressiva do povo indígena fazendo essa luta política, para além de uma reivindicação de direitos específicos, são povos que estão insistindo no respeito à cidadania, à soberania, à dignidade e, parecendo um contrassenso, são os povos indígenas que estão defendendo a democracia. Eu fico, às vezes, me sentindo incomodado de ver que outros segmentos da nossa sociedade brasileira, os sindicatos, por exemplo, de trabalhadores, não só os da educação, sindicatos, uma força importante na vida de um país, sindicatos de diferentes categorias de trabalhadores, mas também dos professores, eles já foram muito mais combativos no nosso país. O sindicato dos trabalhadores na indústria, no comércio, já foram muito mais cidadãos neste país e eles passaram por uma cooptação pelo mercado de uma maneira tão abrangente que parece que todo mundo virou consumidor. O ex-presidente [do Uruguai] Pepe Mojica, ele dizia que estava preocupado de que o mundo que nós estamos vivendo não quer formar cidadãos, ele quer formar consumidores.

Eu refleti sobre essa frase do Pepe Mojica durante a pandemia e adiantei um pouco mais, apertei um pouco mais o termo da crítica, considerando que o mundo que nós vivemos hoje, ele quer, na verdade, é um cliente, ele não quer um consumidor, um consumidor é pouco, ele quer um cliente. Porque o cliente é aquele sujeito que nem escolhe, ele consome e não tem relação

⁴ No momento da entrevista Jair Messias Bolsonaro era o presidente da república e entrava em seu último ano de governo (2019 - 2022). Nas eleições realizadas para o fim do ano, outubro, não obteve a reeleição.

com o poder aquisitivo, ele é um cliente de qualquer coisa, ele não tem sequer a disposição por escolher o que ele consome, ele consome qualquer coisa, é uma clientela.

Então, nós estamos declinando do nosso sonho de cidadania, de constituir cidadania, que é a luta social verdadeira, para nos tornar consumidores e, de consumidores, declinar para a condição de clientes. Nós precisamos chacoalhar a consciência da juventude, principalmente, para que a gente não vire todo mundo cliente. A educação no nosso país tem uma responsabilidade enorme com relação a essa agenda, não porque ela vai representar uma diferença histórica em relação aos outros ambientes da nossa formação social, política, mas porque a educação andou ao longo da história muito subserviente a esse sistema colonial.

Na prévia que a gente estava fazendo, para a nossa conversa, eu mencionei que a instituição educativa, a escola, ela chegou aqui no continente americano pelas mãos dos jesuítas, quer dizer, aí no sul, Santo Ângelo, São Miguel, foram as bases mais antigas na América Latina disso que nós chamamos de colégio, foi o colégio dos jesuítas, foi as missões jesuíticas, foi uma fortaleza do ponto de vista da experiência de contenção, civilização e não seria nenhum exagero chamar de domesticação da vida nativa ameríndia pelo sistema colonial europeu, pelas mãos dos jesuítas. Tem documentário sobre isso, eu acho que um cineasta do sul que abordou essa questão das missões jesuíticas, que tratou isso de uma maneira simpática, porque ele chama de república comunista, que os jesuítas teriam feito uma experiência social tão bacana, tão avançada para aquela época, mas se você olhar bem, o que os jesuítas estavam fazendo, gente, era colonização. E a nossa educação nunca mudou, ela atravessou o período colonial, império, quando a coroa portuguesa veio para cá, quer dizer, não houve nenhum abalo no sistema da agenda da educação no nosso país, desde a fundação, até agora.

A escola é um aparelho alinhado com o propósito de controle e reprodução de mão de obra e de gente habilitada para mover a máquina, para fazer a coisa funcionar. Eu publiquei, durante a pandemia, um pequeno livrinho com o título de “A Vida não é Útil”. Nesse livrinho, que sucedeu um outro “Ideias para adiar é o fim do mundo”, eu ponho em questão esse paradigma de uma sociedade que não para de reproduzir injustiça, mas que também não para de produzir para si mesma uma justificativa de que ela está evoluindo, que ela está se desenvolvendo.

Do ponto de vista ambiental e do ponto de vista, digamos, social também, dizer que nós estamos evoluindo chega a ser escandaloso. Nós estamos destruindo os rios, as florestas, estamos predando todas as paisagens que nós vivemos, estamos vivendo em condições, do

ponto de vista ecológico, cada vez mais degradadas. E por que a gente continua produzindo esse discurso mentiroso de que nós estamos evoluindo, progredindo, desenvolvendo?

E o que isso tem a ver com a escola e o que isso tem a ver com a educação? Se nós estamos falando com um horizonte de educadores ou de pessoas que estão em formação, buscando, a partir desses institutos técnicos, se tornar cidadãos e pessoas mais capacitadas para lidar com a realidade que nós estamos pela frente, complexa. Nós estamos vivendo um período de pobreza na vida política e social do país que chega a apavorar. Nós estamos declinando para condições de um país miserável, do terceiro mundo, quando figuramos já entre os 10 países mais relevantes até o começo do século XXI. Nós chegamos a integrar a iniciativa dos BRICS, que seria o Brasil, a Rússia, a Índia, a China e a África do Sul, eu creio.

Seriam esses países emergentes, com forte capacidade interna de gestão, de governança, de produzir respostas ambientais e sociais para o mundo moderno, para o mundo contemporâneo. De repente, a gente desceu a ladeira e viramos esse país que dá vergonha quando saímos daqui para ir para outros lugares. E dizem: “nossa, mas vocês são então daquele envergonhado país Brasil?” Talvez não seja um estímulo muito grande uma conversa dessa, quando nós estamos retomando a atividade nos nossos colégios, nas nossas universidades, nos nossos institutos. Como disse o professor Diogo, os institutos têm essa capilaridade de estar presente na vida de algumas comunidades que seriam pensadas como comunidades remotas, rurais.

Acontece que a ideia de comunidades remotas e rurais, ela também reflete um preconceito colonialista ou colonial que persiste nas nossas formações. A gente não deveria avaliar nenhum conjunto da nossa sociedade como remota, a menos que a gente naturalizasse a periferia, a exclusão. Uma sociedade que é inclusiva, como propósito verdadeiro, que não é só uma fantasia de inclusão social, mas ela não concebe periferia, porque ela entende que a periferia é centro e o centro é periferia, que as sociedades estão implicadas, que o que é bom para mim é bom para você, é bom no Rio Grande do Sul, na Amazônia, na Paraíba, em qualquer lugar.

Quando nós nos concebemos como uma comunidade, quando nós somos capazes de nos implicar socialmente, nós não aceitamos o abuso que está sendo feito nesse momento contra a Amazônia. O povo Yanomami está sofrendo uma invasão de 20 mil garimpeiros. Toda hora a gente escuta o escândalo dessa invasão. O Brasil está assistindo à evasão de riquezas, à venda de ouro retirado ilegalmente da floresta amazônica, vendido no mercado negro. E nós convivemos com isso.

A gente assiste o presidente da República a falar aberrações escandalosas sobre o povo indígena, sobre a nossa sociedade como um todo, um acinte, uma ofensa, e nós continuamos falando de nós mesmos como se ele estivesse progredindo, nos desenvolvendo. Na apresentação desse livrinho, ele diz que ele traz reflexões provocadas pela pandemia. Mas, na verdade, ele nos convoca também a enxergar que nós estamos passando por uma transformação. E que nós precisamos admitir que o nosso sonho coletivo de mundo e a inserção da humanidade para além das fronteiras de um país, uma nação, na biosfera do nosso planeta Terra, ela vai ter que se dar de outra maneira.

Nós não podemos habitar esse planeta... Nós só podemos habitar esse planeta se formos capazes de produzir um outro jeito de estar no mundo. Isso tem a ver com educação. Isso tem a ver com um projeto pedagógico. Isso tem a ver também com um projeto político. Uma escola que não é capaz de questionar o tempo em que ela vive, ela fica sendo só uma máquina de reprodução de injustiça. Ela vai produzir a melhor mão de obra dócil para o mercado que produz consumidores, mas que não quer cidadão. Para uma sociedade que não quer promover a cidadania, mas que ela convive muito bem com a injustiça e reproduz a criação de clientes, a formação de clientes.

Que essa conversa possa ser aberta para um diálogo criativo, corajoso sobre a nossa realidade. Que a gente não tente passar o pano, né? Como dizem os mais velhos, “passar o pano” é quando você oculta a realidade.

Nós mencionamos que história e cultura dos povos indígenas só foi admitido na educação formal no Brasil a partir de 2008, com a lei 11.645, que institui o ensino de história e cultura dos povos indígenas na sala de aula. 2008! O que a gente estava fazendo durante todo o século XX se não negando a existência do povo nativo do Brasil? No livrinho, lá da escola primária, dizia que nós somos formados por índios, negros e brancos.

Muda a página e toca o barco para frente. E a gente falsifica a nossa identidade, a nossa história, as nossas heranças culturais, a nossa ancestralidade, em nome de um liberalismo, de um neoliberalismo, para dar emprego para todo mundo. E aqueles que não conseguirem emprego, que virem Uber, né? A Uberização da vida tem sido tema, inclusive, de algumas obras interessantes.

Se vocês puderem, deem uma olhada. Como que nós estamos habitando um mundo que sugere que cada um de nós deve ser um empresário de si mesmo? Onde é que vai a organização das classes trabalhadoras? Onde é que vai o interesse coletivo comum se nós estamos sendo estimulados à Uberização da vida? Vamos falar sobre isso?

Eu agradeço muito a oportunidade de introduzir essa conversa.

Eu acredito que já temos matéria para a gente abrir o diálogo.

E eu agradeço muito a oportunidade de estar aqui com vocês.

Diogo Labiak Neves: Nossa, uma aula. Sabe, Ailton, quando a gente estava começando, quando confirmou que o Ailton vinha e tal, eu fui pesquisar algumas coisas, né? E uma das coisas que me chamou a atenção depois da nossa fala agora, juntou o que eu tinha pesquisado antes, como esse termo educação pode ser um termo ambíguo, dúbio.

Eu estava acompanhando algumas coisas que foram colocadas no YouTube enquanto você falava. E essa questão da educação pode ser exatamente oposto do que a gente espera que ela seja, como o Fábio coloca, “Enquanto a luta, a questão indígena for apenas uma luta dos indígenas, ela vai ser uma luta inglória.” Do mesmo modo como é a questão negra.

A gente tem que pensar essa dualidade através da perspectiva de classe, da perspectiva completa, social da coisa. E daí entra a relação da educação que eu queria te indagar. A gente impregna para a educação o caráter que a gente idealiza em alguns momentos, mas a gente não consegue fugir da realidade. Pesquisando para essa nossa conversa, eu cheguei em um, você conhece com certeza, centro de reeducação indígena Krenak, que nada mais era do que um campo de concentração promovido pela ditadura militar.

É bizarro a gente pensar que o termo educação é utilizado para isso.

É complicado.

Bom, eu acho que agora a gente começa a passar algumas perguntas dos colegas.

O Sérgio pergunta, eu gostaria de saber o que você sugere para nós, que também queremos desconstruir a dominação acima das nossas cabeças, mas queremos nos dar as mãos e lutar juntos?

Ailton Krenak: Obrigado, Sérgio, pela questão que você traz. É isso mesmo.

Imaginar que vai ser cada um para si, aquela ideia neoliberal da vida, você se dá bem (meritocrático), você estudou, você passou nas provas, você tirou nota boa, você é um aluno exemplar, vai ter um bom emprego, e dane-se o resto dos seus colegas que se arrastaram até aquela formação junto com você. Essa é a ideia de uma sociedade que dá prêmio, que dá mérito, que discrimina e que naturaliza a desigualdade, ela foi tão bem instituída no século XX que nós chegamos agora a um limite da nossa capacidade de questionar essas estruturas.

As organizações sociais que podiam ter feito esse trabalho de questionamento, elas foram sendo capturadas por essa sociedade de mercado, por essa coisa de economia, mesmo os trabalhadores, gente. Os trabalhadores que, no caso da nossa história recente, chegaram a

produzir um partido político de massa, um partido que conseguiu se imaginar ativo na reconfiguração da vida brasileira, caiu numa armadilha capitalista tão cretina que dissolveu o sindicalismo no Brasil.

Pensem bem, eu não sou teórico político, não, mas olha o sindicalismo que a gente tinha 40 anos atrás e olha o que a gente tem agora. Então, uma questão que a gente deveria perguntar é o seguinte, como que a gente vai tirar essa ordem injusta que está sob as nossas cabeças, se as ferramentas para essa mudança foram sendo desabilitadas nos últimos 30, 40 anos? Se nós conseguimos sair desse nosso ego que a gente está agora na política, a gente deveria questionar as nossas lideranças sobre a importância da organização social, dos diferentes segmentos da nossa vida.

O povo indígena está pegando o leão à unha em Brasília. A gente não tem uma base sindical, a gente não tem uma base partidária sustentando essa mobilização. Ela está sendo feita à custa da vida das pessoas. Então, a pergunta que eu não posso deixar de fazer é: cadê os outros segmentos da vida brasileira? Cadê o movimento social brasileiro que não está junto com o povo indígena enfrentando o fascismo em Brasília? A não ser alguns artistas simpatizantes, gente, a gente vai chegar à conclusão, então, que o sindicalismo no Brasil está todo dormindo ou foi para a praia?

Diogo Labiak Neves: É verdade, né?

O que os povos indígenas, o que os parentes estão fazendo lá em Brasília nesse momento é digno de nota e, por incrível que pareça, a gente quase não vê notícia sobre isso.

Bom, a May coloca ali para a gente: O Ailton sempre nos traz boas provocações sobre o capitalismo e como ele rege as nossas instituições sociais. A sua fala foi exemplo disso agora, né? E que a escola tem o papel de construir essa máquina de moer gente que acaba sendo a sociedade.

O Lino mandou uma pergunta para o Ailton falando o seguinte: O que seria essa escola do branco, que contemplasse e valorizasse valores e interesses dos povos indígenas?

Ailton Krenak: Bom, todo mundo que é metido com educação paga um tributo a um grande pensador brasileiro que é Paulo Freire. Eu não vou querer inovar no sentido de buscar dentro dessa estrutura alguma coisa além daquela que Paulo Freire já propugna, já propõe, que é o compromisso com a vida. E no caso de você viver numa sociedade desigual, o compromisso com aqueles que estão excluídos. A óbvia indignação que essa proposta de uma educação libertadora supõe é que a gente tem que ser menos escola e mais ativo, proativo em responder às demandas do cotidiano, da vida.

Se a gente está vendo um povo sendo insultado e ofendido por uma lógica de mercado capitalista, a gente deveria pensar como que essa escola do branco pode criar argumentos, pode criar condições para que essas comunidades enfrentem esse inimigo que está organizado, que se reproduz. Ele tem um nome, ele é o mercado, gente.

E eu fico observando que às vezes a escola, esse lugar da escola, ele se rende muito à ideia do empreendedorismo, que, na verdade, é o elogio da meritocracia. Tem muita gente que acha que o empreendedorismo é uma virtude, é um campo que a gente tem que explorar ativamente, que ele vai tirar as pessoas da condição de excluídos. Ora, tirar pessoas da condição de excluídos é muito pouco, mas a gente tinha que ser capaz de ultrapassar o lugar de exclusão. Porque é mais ou menos como aquela ideia de ensinar a pescar ou dar um peixe.

O empreendedorismo seria equivalente a você tirar uma pessoa de um horizonte de carência social, plural, e você salvar alguns, é dar o peixe. Eu acho que essa escola do branco podia ensinar a pescar. Parece uma metáfora, parece uma frase enigmática, mas é por aí, o assunto seria isso. Ao invés de você promover empreendedorismo, você deveria pensar como fazer desaparecer esse lugar de desigualdade, que faz com que a gente tenha que estar sempre produzindo um mérito, um sujeito que escapou, um sujeito que deu certo. E isso acontece principalmente com a grande parte da sociedade brasileira constituída por negros, por mestiços, por indígenas, que historicamente sempre foram excluídos. Então, se os institutos têm uma capilaridade de estar presente nos lugares onde essas comunidades são mais numerosas, seria pensar um engajamento nas realidades plurais dessas comunidades.

Outro dia eu vi que tem um arquiteto⁵ que é de um dos países lá da África, não sei se é do Senegal, não me lembro qual o país, mas esse arquiteto recebeu um prêmio importante de arquitetura globalmente, porque ele consegue fazer uma arquitetura com os materiais, com o conhecimento e com as condições locais de onde esses empreendimentos são levantados. Será que isso é um exemplo do que uma escola de brancos pode fazer para que outros povos não sejam só premiados, mas que eles possam, eles mesmos, se pôr numa condição de autonomia?

Diogo Labiak Neves: Enquanto você estava falando, eu estava aqui pensando nessa questão do empreender, dessa lógica capitalista que a gente vive na sociedade, ela é muito engraçada, engraçada e perversa ao mesmo tempo, porque ela transfere para o sujeito a responsabilidade da ação e transfere única e exclusivamente para o sujeito a responsabilidade de uma coisa que não está ao seu alcance.

⁵ Nesta passagem, Ailton Krenak, se refere ao arquiteto burquinês Diébédo Francis Kere, vencedor do Prêmio Pritzker no ano 2022.

Ailton Krenak: E se ele não tiver sucesso, o problema é dele. É uma maldade muito sacana, ela é típica do capitalismo. Para a gente não ficar só na provocação, fica parecendo que a gente está afim de jogar a culpa no capitalismo, mas o que é interessante é o seguinte, quando os reis da Europa, lá no começo da mercantilização, quando eles começaram a autorizar que um ou outro sujeito saísse em nome do rei para conquistar outras terras novas, tinha um contrato de risco que os reis faziam com os viajantes, que era mais ou menos o seguinte, olha, você vai, se você conseguir alguma coisa, nós somos sócios, se você não conseguir, dane-se.

Diogo Labiak Neves: É a síntese de como a gente vive hoje.

Ailton Krenak: Aliás, dizem que o Colombo morreu pobre.

Diogo Labiak Neves: Morreu pobre, morreu às mínguas.

Ailton Krenak: Então, que sacanagem que é essa? Que modelo é esse que nós continuamos perpetuando até hoje? A ideia do empreendedor é isso, vai nessa, meu chapa, se der muito certo, nós somos sócios, se você se arrebentar, o problema é seu.

Diogo Labiak Neves: É isso, o processo de uberização que tu falaste antes, é isso, também, você transforma a pessoa e retira todas as possibilidades de direitos que essa pessoa possa ter. É o extremo do capitalismo sendo aplicado de uma maneira muito incisiva.

Ailton Krenak: O primeiro contato que eu tive com essa coisa, com essa palavra do uber, uberização, uber, ele era um exemplo muito simples, porque é aquele cara que vem com o carro dele, o carro que é dele, não é de uma empresa, ele vai te transportar, ele vai cobrar menos do que um táxi que tem que pagar um monte de taxas, ele vai correr todos os riscos e vai prestar um serviço melhor do que os outros. Essa é a hipótese.

Passou dois anos, um médico, um cirurgião muito bom que eu conheço, é meu amigo até hoje, ele foi convidado para ir para os Estados Unidos fazer uma especialização que consistia nele passar o conhecimento dele, capacidade de cirurgião dele, para um software, para um computador, um programa que vai substituir ele depois fazendo cirurgia.

Então, é a uberização dele, aquele médico, aquele cirurgião excelente, ele está desempregado, ele ficou desempregado porque agora aquela cirurgia dele é feita por um computador, um robô, um programa, um software, um programa no computador. Os meninos que estão saindo da faculdade vão lá, entram no programa, põem uns teclados no dedo e opera o sujeito com mais precisão do que aquele médico. Não estou brincando, não.

Eles dizem que dá mais segurança o resultado, entrega um resultado melhor do que o de um médico que um dia pode chegar emocionalmente abalado na cirurgia e tal, e que a desgraça do robô nunca vai estar abalado emocionalmente. Então nós estamos sendo desumanizados.

Para além desse contrato capitalista, que é a coisa do mercado, da troca e tudo, tem uma outra coisa terrível, Diogo, que é desumanizar, que é tirar de nós as últimas, digamos, singularidade que o humano pode ter. Então, tanto faz se você é um robô, se você é uma máquina, você não tem importância nenhuma. É por isso que um livrinho como esse, “A Vida Não É Útil”, me desculpe essa autorreferência aqui, mas ele bate de frente com a ideia da utilidade, utilidade das coisas. A vida não tem que ser útil.

Um médico, um menino que estuda e que se torna médico, ele tem uma singularidade, ele tem uma qualidade intrínseca de ser humano que não pode ser substituído por um computador. Mas nós estamos sendo convencidos, inclusive pelas nossas escolas, pelas nossas universidades, que é essa coisa da inteligência artificial, da tecnologia, da disrupção. De vez em quando, a gente é capturado por uma nova linguagem, por um novo conceito, e vocês mesmo já devem ter visto alguns dos jovens que chegam reclamando uma disrupção, os processos disruptivos, as startups, as feiras de tecnologia. Quer dizer, nós estamos todos virando uns palhaços que nos divertimos em feiras de tecnologia.

Recentemente, um conhecido meu, muito sabido, me mandou um manuscrito de um livro que ele quer lançar no mercado, que sugere que nós vamos ser sucedidos [substituídos]... É ficção, vamos ser sucedidos rapidamente por um monte de inteligências artificiais por aí, que nós vamos ser dispensados de tudo. Porque vai ter a possibilidade de apropriar, de apropriação, de tudo que nós somos habilitados por máquinas que vão fazer por nós. Quando eu me coloco diante de um debate desse, fica parecendo que eu sou um velho conservador contra o progresso. Mas que progresso, gente? Que progresso?

Se nós estamos destruindo toda a base da vida, a materialidade da vida, que é isso que a gente chama de ecologia, eu evito até ficar usando muito esses termos, a ecologia, o meio ambiente, porque são termos totalmente demarcados, já numa linguagem que coexiste, numa boa, com a destruição da vida no planeta. Inclusive a ideia de sustentabilidade.

As empresas mais delinquentes do mundo têm certificado de sustentabilidade.

Diogo Labiak Neves: E muitas operando em terra indígena.

Ailton Krenak: Todo esse argumento, todo esse discurso que legitima o extrativismo do corpo da terra e a transformação disso em coisas quase tão artificiais quanto a inteligência, se a inteligência é artificial, gente, imagina que coisa que ela pode ser.

Diogo Labiak Neves: Pegando esse gancho aí do que você estava falando, tem um comentário do Daniel ali, ele vem um pouco nessa linha, ele fala que muitas das pessoas que estão te acompanhando agora estão em um contexto urbano, com todo o seu conforto, suas tecnologias

e tudo mais que a gente tem no ambiente urbano, seja para se locomover, pensar, estudar, trabalhar e tal, e que isso muito vem à custa da destruição do meio ambiente e muitas empresas acabam destruindo as terras indígenas para isso. Avançando sobre territórios indígenas, avançando sobre propriedade intelectual, propriedade material, destruindo comunidades, e que a sociedade quer tudo isso de uma maneira, de preferência com preço mais baixo, que é isso que manda o capitalismo.

E a pergunta dele é assim, o que a gente pode fazer hoje, na prática, para pensar e agir e ter alguma coisa que seja diferente disso?

O que você pode falar para o Daniel?

Ailton Krenak: Olha, Daniel, eu tenho tido a oportunidade de conversar muito com arquitetos, urbanistas, engenheiros que estão preocupados exatamente em criar saídas para essa enrascada. Se nós vivemos em equipamentos urbanos que isolam a gente do problema, porque a água chega na torneira, porque uma série de coisas chegam já prontas para a gente, talvez o que a gente devesse considerar é se nós ainda somos capazes de produzir, por exemplo, o nosso próprio alimento. Não individualmente, mas coletivamente, né? É claro que eu não vou sair sozinho pra plantar o arroz e o feijão, mas eu posso fazer isso com outras pessoas. A gente pode criar sistemas de troca.

Tem um tipo de experiência que tem sido feito, que é o que chamam de economia circular, que é quando você promove várias atividades que se compensam umas às outras, que criam uma possibilidade de a riqueza ser compartilhada, dela não ser só uma vantagem exclusiva de algum pedaço da coisa, mas que a gente coopere uns com os outros na produção de sentido para a vida.

Vocês já devem ter ouvido falar que uma comunidade de produtores rurais traz o produto deles pra quem vive na cidade em troca de coisas que a cidade produz. Isso tem circularidade, isso promove circularidade na economia daquelas trocas, daquelas pessoas. E, naturalmente, isso pode produzir um pouco mais de respiro pra que as pessoas que estão vivendo em condições já acomodadas de dependência urbana e tudo, que eles possam começar a pensar outras maneiras também de continuar vivendo bem, de continuar vivendo melhor. Quem sabe, comece até numa reflexão dessa a referência a que os nossos irmãos dos Andes, os andinos, chamam de “*buen vivir*”, que chegou no Brasil com o nome de bem-viver e que tem sido explorado de uma maneira oportunista em muitas discussões. Ah, o bem-viver, o bem-viver. Eu já até falei que, se não tomar cuidado, daqui a pouco vai virar *bon vivant*. *Bon vivant* é aquele cara com um copo de uísque e um charuto. O bem-viver, ele supõe uma implicação com a vida. Você bebe a

água porque você sabe de onde ela vem. Você come um grão, um trigo, porque você sabe como ele é produzido e onde. Você tem relação direta com a origem daquilo que você consome, que você precisa pra você existir. E a própria relação de precisar daqueles bens pra você viver deixa de ser simplesmente consumo e passa a ser uma relação consciente com o que você precisa. Você usa a água consciente. Você usa o solo consciente.

Você não constrói uma barragem feita o Belo Monte pra produzir um monte de gente miserável e pobre que vai levar depois anos pra poder se relocar em algum sentido da vida, mas que muitos deles simplesmente vão morrer na miséria e dá lucro pra caramba para as empreiteiras que vão lá fazer o projeto. Então, tem desigualdades que são produzidas e reproduzidas indefinidamente. É um cretinismo. Eu participei da mobilização para que o Brasil não construísse a hidrelétrica de Belo Monte. Eu participei da mobilização e eu vi também a Força Nacional chegar lá, encontrar pessoas simples, ribeirinhos e indígenas e meter porrada neles pra eles saírem da frente que as empreiteiras iam entrar e fazer Belo Monte. E fizeram mesmo, deu um belo monte.

Vamos lá ver Altamira agora. Vai ver o tanto de família miserável que estão lá usando crack, droga. Um lugar onde não tinha nada disso virou um lugar de gente ferrada, miserável. Depois começou a conversa fiada que a Cracolândia é em São Paulo, nos bairros da cidade. Não é não. Ela tá indo pra dentro da floresta levada por bandidos patrocinados por um governo irresponsável. É assim que o garimpo tá entrando na Amazônia. Entrando junto com droga. Entrando junto com o crime organizado.

Nós não podemos ficar fingindo que isso não é o Brasil. Achando que “não, minha vida é urbana”. A água chega na torneira. Os processados chegam ali, eles vêm de não sei onde, as pessoas iam saber como é produzido, por exemplo, o frango que você compra no supermercado. Precisam saber como é produzida a carne do boi ou a carne suína que você compra no mercado. Tem que saber. Você não pode ficar se fazendo de bobo se milhões de animais são sacrificados em condições sanitárias e éticas abomináveis e você consome tudo isso e acha que tá bom. Então, viva o inferno, né gente? Não vamos fingir que a gente tá preocupado com um mundo melhor.

Quando falar em bem viver perto de você pergunta do que é mesmo que você está falando. Você tá falando de viver de uma boa ou você está falando de renunciar a algumas folgas e vantagens pra viver de verdade uma relação de cumplicidade com a Terra, com o planeta Terra. Eu estou a 500 metros do corpo de um rio que foi plasmado pela lama da mineração. Eu não consigo calar a boca. Toda vez que eu olho aquele rio que tem 6 anos e meio que ele foi

plasmado pela mineração, pela lama de Mariana, pela Vale do Rio Doce, a BHP⁶, uma empresa australiana com sede e escritório jurídico em Londres, e que escaparam da justiça brasileira. Na primeira avaliação, eles teriam que pagar 6 bilhões de indenização para as comunidades, famílias e municípios que foram avassalados pela lama. Eles deram o pé. Largaram a grana pra trás e foram embora. Mas, faz mais de 40 anos que eles elegem governadores aqui na região.

Diogo Labiak Neves: É isso aí.

Ailton Krenak: Então, se você tem uma corporação na mão e elege governadores você não precisa se preocupar com mais nada.

Diogo Labiak Neves: Tá fácil, né?

Ailton Krenak: Tá fácil.

Diogo Labiak Neves: Ailton, o Anderson tem uma pergunta pra você que é assim: Ele começa falando, perguntando se você acredita que esse momento histórico tenebroso que nós estamos vivendo está remobilizando os diversos grupos sociais?

Na educação ele vê uma letargia, incluindo na rede federal com os institutos.

Ailton Krenak: Anderson, é bom a gente não esquecer que nós vivemos dois anos de pandemia. E durante a pandemia a gente não imaginava nem se a gente ia sair vivo. O terror que foi isso!

E coincidiu também de encaixar com a pandemia, um abuso político, né? A gente caiu numa cilada. O inimigo tomou conta do governo. Desaparelhóu muita coisa importante pra sociedade. E tomou conta de estruturas importantes da sociabilidade. E nós ficamos sem pernas, digamos assim, para avaliar se o movimento social está vivo ou morto desde que essa pandemia se instalou.

A estrutura por exemplo da educação está voltando a receber os alunos em sala de aula agora, esse ano. Até o ano passado as famílias não tinham coragem de mandar os filhos pra escola porque tinham medo de pegar um e dar um contágio de volta. A mortandade no Brasil se estendeu até agora e em algumas regiões do país ainda não zerou. A gente fechava diariamente o gráfico dizendo que morreu 200 mil, morreu 200 e tantas pessoas, morreu 300 pessoas, teve tantos óbitos, e as pessoas botando a mão na cabeça pensando meu Deus, quando essa desgraça vai passar?

⁶ BHP Biliton, empresa australiana de mineração com atuação global e foco no minério de ferro. Em conjunto com a Vale controla a Samarco Mineradora, responsável pela Barragem de Fundão. No dia 05 de novembro de 2015 o colapso desta barragem jogou milhares de toneladas de rejeitos no Rio Doce.

Então, eu acho que a pandemia ainda está sobre as nossas cabeças. Nós ainda estamos pensando o tecido social, a vida brasileira independente de ser indígenas brancos, negros, nós ainda estamos saindo de uma experiência dura, tanto do ponto de vista social quanto do ponto de vista sanitário da saúde e eu espero que a gente consiga assim. Que a gente consiga se recuperar dessa leseira e voltar a ter um pouco mais de mobilidade social, ter um pouco mais de capacidade de confrontar a realidade e de transformar a realidade que é a nossa obrigação.

Diogo Labiak Neves: Com certeza a gente precisa sair um pouco dessa letargia. Sabe que agora a gente já vai encaminhando para o nosso encerramento, chegou o nosso horário. Mas sabe que aquela profusão de ideias que vem na cabeça, agora quando você falava sobre a gente sair dessa letargia, de a gente voltar a um ritmo normal, falando um pouco de Belo Monte, já automaticamente, vem na cabeça as comunidades tradicionais, a população ribeirinha, a população indígena e tal. Me deu um pouco de saudade dos embates que eram feitos lá no Acre, da comunidade peitando os seringalistas e dando um pouco de dignidade para a população tradicional do lugar.

Ailton Krenak: Na verdade, não é um pouco de dignidade, foi um movimento de libertação que até hoje provoca muito contentamento e orgulho aquelas pessoas que até a década de 70 viviam uma condição análoga à escravidão e que hoje são soberanos nos seus territórios e eu acho que para dar uma nota também de alegria na nossa conversa, Diogo. O Acre, em todas as unidades da Federação, é o Estado que demarcou todas as terras indígenas. Todas! E que respeita a autonomia de todos os territórios indígenas, e que não promove invasão de terra indígena, não promove. Apesar de a gente ter alguns contratempos na vida política do Estado, a sociedade é muito ativa eu tenho uma alegria, um orgulho muito grande de ter tantos amigos no Acre, de ter participado desse movimento junto com Chico Mendes. As reservas extrativistas que a gente conseguiu conquistar, elas são uma conquista efetiva, não é uma fantasia e de vez em quando tem alguma tentativa de vir para cima, mas a sociedade lá é muito ativa e eu acho que o Acre é um exemplo na Amazônia de autonomia.

Quem dera que o Estado de Rondônia pudesse tentar se aproximar da presença social que existe no Acre, mas a história do Acre também é muito original. O povo do Acre, talvez em razão do isolamento físico que eles ficaram até a década de 90, sem aquelas estradas para promover a invasão da floresta, eles conseguiram constituir uma cidadania que eles chamam de florestania. Esse termo florestania, quem quiser pode pesquisar ele e vai ver que tem um sentido muito próximo da ideia de bem viver, que é esse *Sumak Kausai* que os andinos, Quechua, Aimara vivem milenarmente é uma cultura ancestral e que é profundamente implicada com a

floresta, com a vida natural, onde essa questão urbana não tem a importância que tem, não tem a relevância que tem para o sudeste brasileiro, por exemplo. A gente às vezes quando pensa a realidade urbana do Brasil, a gente pensa a partir do Sudeste, do Sul, mas a gente tem que entender que o sul-sudeste é uma região de um país imenso, onde a sua grande maioria não é urbana. O contrassenso é que nós temos 80% da população brasileira em áreas urbanas o restante do território inteiro é ignorado.

Diogo Labiak Neves: Eu costumo falar para os alunos quando a gente está em aula para a molecada de ensino médio, que as reservas extrativistas, o modelo de reserva extrativista desenvolvida lá, a partir da década de 70, 80, no Acre, são aliadas às terras indígenas, as melhores formas de conservação do território brasileiro. Basta olharmos o sistema nacional de unidades de conservação. Claro, como você falou, a gente tem percalços ao longo do tempo, a gente foi abrindo a ideia de exploração econômica, de reservas extrativistas, mas é até engraçado que no Acre a gente vê que não acontece muito isso, eles vão fazer muita reserva extrativista de mentirinha mais para o Pará daí lá sim, tem umas madeireiras... são as grandes empresas, mas esse exemplo...

Ailton Krenak: Ironicamente, essa experiência de manejo florestal em unidade de conservação foi promovida quando a Marina⁷ era ministra do meio ambiente, uma ironia.

Diogo Labiak Neves: Justo na gestão dela.

Ailton Krenak: Porque ela é uma seringueira. A Marina nasceu num seringal e se alfabetizou e tudo num seringal. Andou com o Chico Mendes. Fez embate com o Chico Mendes. Quando eu comecei a me engajar com os seringueiros, a gente fazia a Aliança dos Povos da Floresta e a Marina era vereadora. Depois, ela foi senadora, depois ministra e caiu nesse conto do vigário de fazer concessão de florestas para manejo econômico e isso é uma pilantragem. Porque você dá certificado para qualquer coisa que você queira assim como essa ideia de sustentabilidade é uma coisa que eu acho estranha e eu espero que a Marina pare de ser missionária da sustentabilidade. Porque a sustentabilidade é uma pilantragem capitalista para enganar o otário.

Diogo Labiak Neves: É bem isso.

Ailton Krenak: Queridos amigos como dizia aquele desenho do Pernalonga, e do Patolino, tem uma hora que aquele carinha amigo do Patolino chega e fala assim: “Pois é velhinhos, é o que tínhamos para hoje”.

Diogo Labiak Neves: Mas foi muito bom foi muito bom mesmo.

⁷ Aqui Ailton se refere à Maria Osmarina Marina da Silva Vaz de Lima, conhecida como Marina Silva. Histórica defensora da floresta e das pessoas da floresta e Ministra do Meio Ambiente entre 2003 e 2008.

Eu estava dando uma olhada no pessoal que nos acompanha, muitas perguntas. Obviamente, a gente não consegue fazer todas, mas Ailton queria agradecer você ter aceitado o nosso convite para essa conversa e nos colocar à disposição, na medida do que você precise, conte conosco.

Ailton Krenak: Vamos fortalecer a luta dos parentes Kaingang e os Guarani que estão aí pertinho dos institutos perto das escolas, alguns deles são alunos. E eu imagino que nos institutos tem muito parente Kaingang e Guarani, passando por aí. Vamos fortalecer a luta deles aí no Paraná, em Santa Catarina. Vamos dar visibilidade a esse povo originário. Gratidão, obrigado à professora Letícia, obrigado à professora Rosângela que abriu o nosso encontro. Um abraço para todos vocês e obrigado, Diogo.

Diogo Labiak Neves: Eu que agradeço, muito obrigado, Ailton.

Ailton Krenak: Maravilha vamos pra frente, vamos nessa, vamos nessa.

Diogo Labiak Neves: Bom, finalizamos por aqui. Aprendemos muito, foi uma oportunidade ímpar.

CRedit Author Statement

- ☐ **Reconhecimentos:** Gostaria de deixar claro o reconhecimento e agradecimento ao Sindicato dos Trabalhadores da Educação Básica Técnica e Tecnológica do Estado do Paraná (Sindiedutec), por ter operacionalizado e viabilizado o momento que concretizou esta entrevista.
 - ☐ **Financiamento:** Não houve qualquer financiamento por parte de órgãos ou instituições de fomento.
 - ☐ **Conflitos de interesse:** Não se apresentam.
 - ☐ **Aprovação ética:** Não se fez necessária.
 - ☐ **Disponibilidade de dados e material:** Não utiliza dados primários.
 - ☐ **Contribuições dos autores:** Durante a fase de realização da entrevista: Diogo Labiak Neves – entrevistador e mediador. Ailton Krenak - Entrevistado. Na elaboração do documento. Compilação, sistematização e organização – Diogo Labiak Neves.
-